

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURA**

Shirley Saraca Borges

UMA LEITURA INTERESSANTE

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

SÃO PAULO - SP

2018

SHIRLEY SARACA BORGES

UMA LEITURA INTERESSANTE

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino da Língua Portuguesa e Literatura.”

Orientadora: Profa. Dra. Naira de Almeida Nascimento

SÃO PAULO – SP

2018



TERMO DE APROVAÇÃO

Uma leitura interessante

Por

SHIRLEY SARACA BORGES

Monografia apresentada às 11:20, do dia 4 de agosto de 2018, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Turma , ofertado na modalidade de Ensino a Distância, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Naira de Almeida Nascimento
UTFPR - Curitiba
(orientador)

Marcelo Franz
UTFPR - Curitiba

marcio matiassi cantarim
UTFPR - Curitiba

Dedico este trabalho de pesquisa à minha família, meu esposo
Aníbal Borges Júnior e minha filha Bianca Rosana Saraca
Borges que estiveram sempre ao meu lado apoiando-me para
aprimorar meus conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me proporcionar a oportunidade de aprimorar meus conhecimentos, pela capacidade de realização deste sonho.

Agradeço à minha família, esposo e filha pelos momentos difíceis de superação e que sempre estiveram ao meu lado.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma abordagem teórico-conceitual da problemática que existe nas escolas quanto o desinteresse, dificuldades que os jovens alunos têm com relação ao hábito de leitura, principalmente quando se trata de livros exigidos em vestibulares e ENEM. Apresenta conceitos básicos sobre o que é ler, resultados de pesquisas sobre o índice de analfabetismo e analfabetismo funcional no Brasil, trajetória do letramento. Como objeto principal tem a apresentação de uma metodologia incentivadora para que esta dificuldade quanto à leitura seja minimizada. Por meio de experiências de docentes a abordagem do assunto tem como foco o Letramento Literário.

Palavras-chave:

Leitura, formação do leitor e Letramento Literário

RESUMEN

Esta investigación presenta un abordaje teórico-conceptual de la problemática que existe en las escuelas cuanto el desinterese, dificultades que los jóvenes alumnos tienen con relación en el hábito de lectura, principalmente cuando se trata de libros exigidos en vestibulares y ENEM. Presenta conceptos básicos sobre lo que es leer, resultados de investigaciones sobre el índice de analfabetismo y analfabetismo funcional en Brasil, trayectoria del alfabetismo. Como objeto principal tiene la presentación de una metodología incentivadora para que esta dificultad cuanto a la lectura sea minimizada. Por medio de experiencias del docente a abordaje del asunto tiene como foco el “Letramento Literário”.

Palabras-llaves:

Lectura, formación del lector y “Letramento Literário”.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
2.1	Primeira palavra chave - Leitura.....	8
2.2	- Segunda palavra chave - Formação do leitor	9
2.3	Terceira palavra chave - Letramento Literário.....	10
3	METODOLOGIA.....	12
3.1	Caracterização da Pesquisa	12
3.2	Procedimentos da Pesquisa	12
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	13
5	A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL.....	13
6	O QUE É LER?.....	14
6.1	Aprender a ler.....	16
6.2	A leitura no Brasil	17
6.2.1	Analfabeto Funcional	19
7	SEQUÊNCIA BÁSICA DO LETRAMENTO LITERÁRIO	21
8	LETRAMENTO LITERÁRIO	23
8.1	Definição de Literatura.....	23
8.2	As palavras alimentam e exercitam o corpo linguagem	25
8.3	A Literatura escolarizada.....	26
8.4	Ler é um ato solitário ou solidário?	27
8.5	Seleção de textos	28
9	METODOLOGIA DO LETRAMENTO LITERÁRIO	30
9.1	A sequência Básica	30
9.2	Sequência expandida.....	34
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40

1 INTRODUÇÃO

A leitura é um ato pouco praticado pelos brasileiros. Como mudar esta realidade é um desafio enfrentado pelas escolas e profissionais da área. O que se pode perceber por meio de pesquisas é que os alunos em geral não sentem interesse pela leitura, seja qual for, piorando quando se trata de obras exigidas pelo Enem e em Vestibulares, pois a grande maioria tem uma linguagem difícil de ser entendida com sintagmas pouco usados nos dias de hoje, histórias que relatam momentos vividos em séculos passados e que, para eles não há muita relação com o presente.

O Brasil é um país que tem crescido muito na área da educação, mas ainda assim, culturalmente, há muito a ser trabalhado. Buscar alternativas que possam auxiliar os docentes nesta difícil tarefa é o objetivo deste trabalho.

O tema deste trabalho de pesquisa é como incentivar os jovens a um envolvimento maior nas leituras de obras literárias clássicas. As problemáticas objeto da pesquisa é por que os alunos do Ensino médio não leem; não se sentem motivados e não há interesse quanto à leitura, para a resolução o que o professor da Língua Portuguesa e Literatura pode fazer para estimular a leitura dos alunos do Ensino médio. Este problema com a leitura de livros, em específico, está relacionado à alfabetização ou ao problema socioeconômico. Será que a leitura de livros clássicos está ultrapassada, já que atualmente os jovens recebem as informações muito rapidamente por meio da internet, estamos na era digital em que o tempo é algo precioso e não pode ser desperdiçada só com leitura de livros?

Há várias razões para se fazer uma pesquisa, como a satisfação pessoal em descobrir novas informações e aumentar os seus conhecimentos. Outra seria a institucional, uma vez que atuo na área e estou em contato com a problemática por mim levantada.

O impacto social seria um ponto para esta abordagem, uma vez que quanto maior o grau cognitivo de um indivíduo melhor será seu desenvolvimento profissional e pessoal, aumento consequentemente o seu nível sociocultural.

Há mais fatores que justificam a pesquisa como o fato de vivenciar esta situação no ambiente escolar, problemática esta que requer uma especial atenção e que muitas vezes pelo excesso de atividades não nos proporciona oportunidade na busca. Há várias para possíveis soluções.

O objetivo principal é fazer da leitura literária algo interessante, porém há outros que podem ser citados, como despertar o interesse dos alunos quanto a leitura de obras exigidas em Enem e Vestibulares. Trazendo para o específico, incentivar os jovens ao hábito da leitura para que aumente seu conhecimento de mundo; despertar o interesse da leitura, principalmente para as obras exigidas pelo Enem e Vestibulares como objeto de admiração cultural e artística e não por simples obrigatoriedade; trazer conscientização aos alunos que a leitura é algo enriquecedor para melhorar o convívio social, práticas sociais e conhecimento cultural; como instrumento que possibilita às pessoas em maior ou menor grau participar de modo mais eficiente por constituir-se objeto de inclusão social; rediscutir alguns modos de entender o ato de ler para que não se restrinja a leitura a modelos idealizados, mas sim buscar uma visão mais ampla; ajudar na interpretação textual, problema este que está presente entre os jovens estudantes, ultrapassando, assim a etapa de decifrar; alertar que a aprendizagem da literatura consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a partir um prévio conhecimento do aluno, desafiar a romper, ampliar, questionar seus horizontes de expectativas.

Os nascidos a partir da década de 90 pertencem a um grupo chamado “Geração Z”, por terem muito precocemente acesso às mais diversas formas de tecnologias. Vivemos na era da informática com acesso facilitado à internet, aos “smartfones”, “tablets, computadores e tantas outras tecnologias extremamente atrativas, em que todas as informações chegam rapidamente e isto gera uma ansiedade significativa, como se qualquer outra forma de pesquisa ou leitura não fosse responder às expectativas.

Manter um aluno focado e interessado em sala de aula é uma tarefa complicada que os professores enfrentam diante do dinamismo e modernidade advinda por estas tecnologias. Os jovens têm buscado informações mais rápidas e acessíveis, o que pode levá-los a pensar que ler é perda de tempo.

O docente, deve sempre continuar com o intuito de provar exatamente o contrário, porque, afinal, a leitura nunca será ultrapassada e continua sendo a ferramenta mais importante na educação de crianças, jovens e adultos.

Para isso será apresentado metodologias que já foram experimentadas e que tiveram resultados positivos, como o Letramento Literário de Rildo Cosson. Logicamente serão orientações que poderão ser seguidas e melhoradas de acordo com a criatividade e adaptação de cada professor, dependendo sempre da faixa etária, idade, e ambiente escolar para que os resultados sejam mais bem aproveitados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Palavras-chave:

Leitura, formação do leito e Letramento Literário

2.1 Primeira palavra chave - Leitura

Exclusividade para poucos. Inicialmente, a escrita e a leitura foram utilizadas apenas por alguns homens que eram dotados de conhecimentos, transmitidos de pai para filhos, provenientes de famílias ricas e poderosas, escolhidos e treinados, escreviam sobre a vida dos Faraós para que a história fosse registrada e não se perdesse ao longo dos anos, respeitados pela importância que tinham no Império eram conhecidos de Escribas. (Pires, 2000).

Mais tarde, esta função foi sendo mais abrangente, porém sempre restringida àqueles que podiam ter acesso às escolas, o que era privilégio de poucos.

Manguel cita que em 1519, o teólogo romano Silvester Prierias afirmou que o livro sobre o qual estava fundada a Igreja, a Bíblia, precisava permanecer em mistério, interpretado apenas pela autoridade e poder do papa. Os heréticos, por outro lado, sustentaram que as pessoas tinham o direito de ler a palavra de Deus por si mesmas, sem testemunha ou intermediário. Começava um confronto entre o que

seria e para que serviria a leitura, se traria mais esclarecimento, até que ponto o conhecimento poderia interferir na vida político-social.

O que se entende por leitura? Está muito além de decifrar palavras que são compostas por letras de um alfabeto impressas em um papel. Há várias maneiras de leituras, desde imagens, gestos até palavras, porém qualquer que seja o tipo de leitura há necessidade de estar além de decifrar, mas interpretar as mensagens que estão sendo transmitidas pelo emissor. Porém, dominar a arte da leitura tem sido um desafio que se arrasta há muito tempo.

Bulhões, em seu artigo “A formação do leitor e o ensino da literatura”, diz que a prática da leitura foi ostensivamente valorizada no século XVIII, com o objetivo de difundir os ideais iluministas que a burguesia ascendente pretendia impor à sociedade daquela época, valorizavam o livro como instrumento divulgador de cultura, este divulgador cultural ou seja este *status* que era demonstrado perdurou por muitos séculos e até recentemente, pois uma pessoa só tinha cultura se frequentasse uma biblioteca e fosse um leitor assíduo.

2.1.1 Qual a relação que o leitor deve ter com a leitura?

Segundo Manguel “... é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo. Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial.” (Manguel (2004).

A partir da abordagem deste autor pode-se perceber como induzir um indivíduo desde criança à leitura fará que o ato de ler torne-se importante e essencial, porém esta é uma realidade que pouco tem crescido desde o surgimento do ensino no Brasil. A leitura inicialmente utilizada por poucos sempre trouxe um ar de superioridade, acessível por poucos e considerado um artefato de luxo e poder.

2.2 - Segunda palavra chave - Formação do leitor

De modo geral, o primeiro contato com a leitura enquanto literatura ocorre quando o indivíduo inicia sua vida acadêmica. Logo pode-se perceber que a escola se torna o principal instrumento alfabetizador, convertendo-o assim em um leitor. Isto é verdade, porém pode-se ser um leitor decifrador ou interpretador.

Zilberman diz que no final dos anos de 1970 foi detectada, intuitivamente, uma crise de leitura, uma vez que os jovens, pode-se destacar os estudantes, não frequentavam com a assiduidade desejada os livros postos a sua disposição. Desde então, este tema passou a ser discutido em encontros científicos, debates e comissões com o intuito de corrigir o quadro.

Dados da edição de 2012 da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, encomendada pela Fundação Pró-Livro e pelo Ibope Inteligência, publicados no site da Globo – G1 mostram que os brasileiros estão cada vez mais trocando o hábito de ler jornais, revistas, livros e textos na internet por atividades como ver televisão, assistir a filmes em DVD, reunir-se com amigos e família e navegar na rede de computadores por diversão. A pesquisa mostrou que, de 95,6 milhões de leitores em 2007, passou para 88,2 milhões em 2011, indicando uma queda de 9,1% no universo de leitores ao mesmo tempo em que a população cresceu 2,9% no mesmo período.

Dados como estes em que indicam que apesar do aumento da população o número de leitores não acompanhou este crescimento, muito pelo contrário diminuiu. Volta-se ao ponto crucial, como despertar e incentivar o interesse dos jovens pela leitura literária?

2.3. Terceira palavra chave - Letramento Literário

Para se criar o hábito de leitura é necessário que haja antes de mais nada alguém que incentive, que mostre o caminho da aventura e encantamento que a literatura pode trazer. Depois estratégias que possam levar o jovem a continuar por este caminho, pois o momento vivido tende a oferecer oportunidades que também levarão o jovem a uma experiência surreal.

Um diferencial que pode ser utilizado a favor do incentivo é a agilidade em receber e transmitir informações por meio da Internet. Esta ferramenta aproxima a realidade em que os jovens estão vivendo, um mundo na palma da mão, um click, uma digitação. Já que esta é uma realidade que jamais regressará temos que aproveitá-la unindo nossas forças. Desenvolver atividades de pesquisas sobre livros que possuem as mesmas características e depois elaboração de blogs para a divulgação e compartilhamento das informações descobertas, entre outras.

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2009, p. 23).

Criou-se um padrão de leitura literária que é, exigir do aluno a leitura de uma obra que consta na relação da Fuvest ou sugeridos nos livros didáticos adotados nas escolas, depois então, fazer uma avaliação ou um fichamento. Não há uma relação entre o simples fato de ler e o por que ler, o que esta obra fará com os alunos-leitores, serão de alguma maneira potencializados?

[...] o ensino da literatura deve ter como centro a experiência do literário, nestas perspectivas, é tão importante a leitura do texto quanto as respostas que construímos para ela. As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras. A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários. (COSSON, 2009, 47)

Cosson apresenta estratégias a serem trabalhadas nas aulas de literatura que servirão de exemplos do que pode se fazer com o material literário. Seguem três perspectivas metodológicas: a oficina, que leva o aluno a construir pela prática. A segunda é a técnica do andaime em que as atividades desenvolvidas serão autônomas pelos alunos, reconstruindo um saber literário. A terceira seria a do portfólio, registrando as diversas atividades realizadas de maneira que possa perceber a evolução que ocorrerá do percurso estipulado pelo professor.

Cosson propõe duas sequências exemplares para o letramento literário: uma básica e outra expandida que jamais deverão ser tomadas como limites que não

poderão ser ultrapassados, mas possibilidades de organizar estratégias a serem usadas nas aulas de Literatura do Ensino Básico.

A sequência básica do letramento literário na escola apresentada por Cosson é composta por: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Na sequência básica se realiza a aprendizagem plena da literatura porque enfatiza a experiência da interpretação como construção de mundo.

Na sequência expandida se aprende sobre a literatura, articulando experiências, saber e educação literários presentes no horizonte desse letramento na escola.

A proposta de Letramento Literário é a opção para desenvolver o hábito de leitura nos alunos do Ensino Médio, pois apresenta exemplos de oficinas que ajudarão o professor na realização das atividades para atingir a efetividade de uma estratégia educacional.

3 METODOLOGIA

A pesquisa terá como foco a busca de alternativas para incentivo dos alunos quanto à leitura, porém como foco as obras literárias exigidas no Enem e Vestibulares.

Algumas ideias, como:

- Utilizar a tecnologia a favor da resolução da problemática.
- Método Recepcional – determinação do horizonte de expectativa, atendimento do horizonte de expectativa, ruptura do horizonte de expectativa, questionamento do horizonte de expectativa, ampliação do horizonte de expectativa. Apesar de ser um método bastante complexo, o letramento literário é mais próximo da realidade por mim vivida em sala de aula.
- Letramento literário – motivação, introdução, leitura e interpretação.

3.1 Caracterização da Pesquisa

A técnica de análise de dados na pesquisa será qualitativa, pois são as interpretações de dados onde o pesquisador pode utilizar as informações do material com o intuito de auxiliar na construção. As informações coletadas foram feitas por meio de pesquisas em livros, artigos, monografias para auxiliar em conceitos, resultados de pesquisas e base informativa como o material de Rildo Cosson.

3.2 Procedimentos da Pesquisa

Tipo de pesquisa quanto à abordagem será a qualitativa, pois se tem o objetivo de explicar o porquê dos alunos no Ensino Médio não terem motivação quanto a leitura em geral e especificamente obras literárias. Será pesquisa básica exploratória documental, uma vez que objetivo é gerar novos conhecimentos por meio de pesquisas bibliográficas, sem uma aplicação prática, apenas trazendo mais familiaridade com a problemática sem um tratamento analítico.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Por se tratar de uma pesquisa básica exploratória documental, o objetivo principal é apresentar o maior problema enfrentado nas escolas com relação à leitura literária exigidas em vestibulares e ENEM uma vez que o índice de analfabetismo no Brasil ainda é muito elevado. O que mais prejudica na realização desta atividade nas escolas é que, além da falta de incentivo por parte dos pais, nas escolas, faltam técnicas e estratégias por parte dos docentes, tornando ainda mais desafiador alcançar estes objetivos.

Após a realização de várias pesquisas, encontrou-se uma técnica muito atraente que é o Letramento literário apresentado por Cosson. Neste material o que mais chamou a atenção foi a maneira que o autor aborda o assunto, principalmente com experiências em sala de aula e exemplos que puderam esclarecer e auxiliar no entendimento das estratégias. Também o foco neste material é o letramento literário, objeto principal da minha pesquisa, ou seja, incentivo à leitura de obras literárias.

Foi abordado paralelamente, porém de forma tímida, o Método Recepcional proposto por Bordini, como o objetivo principal da pesquisa era o incentivo à leitura de obras literárias exigidas em Vestibulares e Enem, optou-se em explorar mais as propostas de Cosson.

Portanto, após todo o estudo realizado e a coleta das informações, acredita-se que esta pesquisa será muito útil como material de apoio que acrescido da criatividade do docente terá resultado satisfatório no que se refere à prática de leitura literária.

5 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

O Brasil por ter sido colonizado pelos portugueses traz uma história não muito abrangente nem interessante, pois inicialmente a coroa portuguesa não tinha muita preocupação em que os habitantes deste novo mundo fossem alfabetizados. Assim esta tarefa ficou a cargo dos jesuítas, dando ênfase no papel da Companhia de Jesus. Sabe-se que o principal objetivo da igreja era converter este povo ao catolicismo, como encontraram aqui índios nativos com línguas próprias como por

exemplo o Tupi – Guarani, o ensino da língua portuguesa era necessário para a comunicação. Fica claro que não podemos chamar este ato de alfabetização no sentido geral da palavra, mas apenas alfabetização por decifração.

Em 1808 tudo começaria a mudar com a vinda da corte para o Brasil, quando surge a ação do Estado, especialmente no período da administração do Marquês de Pombal, em detrimento da ação da Igreja, apontada como obstáculo ao progresso cultural. Segundo Fonseca em seu artigo, *Historiografia da educação na América Portuguesa: balanço e perspectivas na Lusófona de Educação* publicada na *Revista Lusófona de Educação*, os jesuítas teriam sido os instrumentos do atraso cultural de Portugal, justificativa suficiente para que fossem expulsos em 1759. O fato de que as políticas pombalinas em relação à educação não tivessem alcançado os resultados esperados não diminuiria a sua importância como tentativa de promoção do desenvolvimento do Império Português.

6 O QUE É LER?

Ainda estamos longe de uma resposta satisfatória para o completo entendimento do ato de ler, portanto de maneira impensada este processo continua. Ninguém para refletir exatamente qual é o sentido geral deste verbo. Se partisse do significado dado em dicionários encontraria: ler, percorrer com a visão uma palavra, frase ou texto, decifrando-o por uma relação estabelecida entre as sequências dos sinais gráficos escritos e os significados próprios de uma língua natural. Ou seja, quando uma criança começa a aprender a ler, nada mais é do que juntar letras que se tornam em palavras que juntas tornam-se textos. Este mecanismo ocorre em certas áreas definidas do cérebro e como o ato de pensar depende da capacidade de decifrar e poder fazer o uso desta linguagem.

Segundo Manguel até boa parte da Idade Média, os escritores acreditavam que seus leitores iriam escutar, em vez de simplesmente ver o texto, tal como eles pronunciavam em voz altas as palavras à medida que as compunham. Levando em consideração que a quantidade de pessoas que sabiam ler era pequena, as leituras eram públicas e era comum que nas audiências apelavam para que “prestasse ouvidos” à história.

Exclusividade para poucos. Inicialmente, a escrita e a leitura foram utilizadas apenas por alguns homens que eram dotados de conhecimentos, transmitidos de pai para filhos, provenientes de famílias ricas e poderosas, escolhidos e treinados, escreviam sobre a vida dos Faraós para que a história fosse registrada e não se perdesse ao longo dos anos, respeitados pela importância que tinham no Império eram conhecidos de Escribas. (Pires, 2000).

Os primeiros regulamentos exigindo que os escribas ficassem em silêncio, segundo Manguel, datam do século IX, porque até então eles trabalhavam com ditados ou lendo para si mesmos, em voz alta, o texto que estavam copiando.

Após este período os leitores seguiam este padrão silencioso e Manguel explica que eles podiam estabelecer uma relação sem restrições com o livro e as palavras. Simplesmente as palavras não precisavam ocupar tempo para serem pronunciadas, elas existiam em um espaço interior passando muito rapidamente para o entendimento após serem decifradas, os pensamentos dos leitores as inspecionavam à vontade, permitindo comparações de memória com outros livros deixados abertos para consulta simultânea, podia considerar e reconsiderar as palavras que podiam ecoar tanto dentro como fora. O conteúdo do livro tornava-se conhecimento íntimo do leitor.

Em 1519, segundo Manguel, dez anos antes da Reforma Protestante, o teólogo romano Silvester Prierias afirmara que o livro sobre o qual estava fundada a Igreja, a Bíblia, precisava permanecer um mistério, interpretado apenas pela autoridade e poder do papa. Os heréticos, por outro lado, sustentaram que as pessoas tinham o direito de ler a palavra de Deus por si mesma, sem testemunha ou intermediário, ideia que Martinho Lutero defendia após escrever as 95 teses contra as práticas das indulgências, a venda da remissão das punições temporais por pecados condenados e outros abusos eclesiásticos. Seguindo a sequência lógica cada vez mais as pessoas estavam interessadas em desenvolver a leitura tornando-se mais culto, porém esta prática foi restrita àqueles que possuíam um poder aquisitivo elevado.

6.1 Aprender a ler.

Ler em voz alta ou em silêncio não faz diferença porque na verdade o que importa é ser capaz de carregar na mente as palavras, são aptidões espantosas que adquirimos por diversas maneiras, porém sempre a partir da capacidade básica de reconhecer os signos estabelecidos por uma sociedade. Ao que chamamos de alfabetização, reconhecimentos do alfabeto Romano, utilizados pelos portugueses e, por com seguinte pelos brasileiros.

No Império Romano houve a difusão do cristianismo e para que esta crença fosse divulgada, era necessário que fossem utilizados meios escritos, pois os cristãos estavam espalhados pelo Ocidente. Cresceu o número de pessoas com interesse na alfabetização, não intencional, se pensado que não fora conduzida pelos sábios e estudiosos. A difusão do Novo Testamento era destinada não apenas aos cidadãos, mas a qualquer pessoa fosse um camponês, colonos e bárbaros.

DeNipoti em seu artigo Apontamentos sobre a história da leitura nos traz informações sobre a evolução da alfabetização no Império Romano com a difusão da religião cristã que passa a fornecer o principal elemento de coesão para a leitura ocidental. Neste período as técnicas pedagógicas de ensino da leitura se multiplicaram. A história da leitura nesse período é possibilitada pelo que remanesceu dessas técnicas. O ensino da leitura era feito visando principalmente as orações e os textos religiosos, sendo as bibliotecas mantidas quase que exclusivamente nos mosteiros. Às crianças ensinava-se o alfabeto através de tábuas, de micrografias, de bordados ou de utensílios domésticos nos quais se apresentavam as letras. A disposição destas em sequências lineares, horizontais, verticais ou circulares, permitia que se efetuasse um aprendizado precoce da leitura. Buscava-se a identificação com as escrituras sagradas, associando-se o alfabeto aos dez mandamentos.

No período da Idade Média, a leitura era indissociável da palavra – repetição – principalmente no início do aprendizado. A partir no século XV, com a invenção da imprensa com a utilização dos tipos móveis e não mais as utilizações das cópias manuscritas facilitou a produção de exemplares de uma mesma obra, diminuindo o custo de fabricação, como consequência facilitou o acesso à população. Contudo, esta acessibilidade ainda estava longe do público em massa.

DeNipoti, em seu artigo traz informações sobre esta evolução da leitura em:

Acompanhando as pesquisas de Rolf Engelsing e David Hall, que chegaram a um modelo geral da leitura através de pesquisas independentes, podemos pensar o século XVIII como o de uma revolução na leitura. Da Idade Média até aproximadamente 1750, havia uma forma intensiva de se ler alguns livros - a Bíblia, alguns almanaques e catecismos - várias e várias vezes, em voz alta e em grupos. Depois de 1800, na Europa, estudada por Engelsing, lia-se "extensivamente, todo o tipo de material, especialmente periódicos e jornais [...] apenas uma vez, correndo para o item seguinte". No caso da Nova Inglaterra, estudada por David Hall, há uma inundação de novos tipos de livros - "novelas, jornais, variedades recentes e alegres de literatura infantil" - que eram lidos "avidamente, descartando uma coisa, assim que podiam encontrar outra" (DARNTON, 1989, p. 212-13).

DeNipoti, para encerrar traz uma citação de Robert Darnton.

A leitura não se desenvolveu em uma só direção, a extensão. Assumiu muitas formas diferentes entre diferentes grupos sociais em diferentes épocas. Homens e mulheres leram para salvar suas almas, para melhorar seu comportamento, consertar suas máquinas, para seduzir seus enamorados, para tomar conhecimento dos acontecimentos de seu tempo, e ainda simplesmente para se divertir. (DARNTON, 1989, p. 212).

6.2 A leitura no Brasil

Paulo Freire, em seu livro *A importância do ato de ler* (1985, p.9), diz que a “A leitura do mundo precede a leitura das palavras, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”.

Paulo Freire, um grande contribuidor e defensor do letramento e a irradiação do analfabetismo no Brasil, nos diz que que a leitura é um dos instrumentos de cidadania e de elevação do indivíduo a condição de sujeito, ou seja, ele mostra que o pensamento de que leitura não é simplesmente o decodificar de signos, mas a própria importância do ato de ler, propondo a prática. Mais uma vez, porém agora tendo com fundamentação Paulo Freire, pode-se dizer que a leitura é uma forma de identificar as notícias recebidas pelos indivíduos por meio de acontecimentos que ocorreram no mundo a sua volta, ou seja, leitura é a absolvição e o entendimento, compreensão dos acontecimentos, que foram passados na visão gramatical ou na visão de mundo. Não se pode esquecer a importância que Paulo Freire dá com relação aos conhecimentos já existentes nos educandos desde os processos de alfabetização despertando um olhar crítico de suas realidades

A leitura está diretamente ligada à escrita, diz-se que o fulano sabe ler e escrever, então ele é alfabetizado e se não, não sabe ler e nem escrever é

analfabeto. Esta concepção seguiu por muitos anos na história do Brasil, até que se descobriu que existiam os alfabetizados e os analfabetos funcionais, pessoas que sabiam decifrar as letras, juntando-as para assim formarem as letras, porém que todas juntas remetiam a um texto que se torava estranho ao leitor, mesmo contendo palavras pertencentes ao seu mundo cultural. O que piora ainda mais é o alto índice de analfabetismo que ainda há no Brasil.

Analfabetismo no Brasil

Veja a evolução na taxa de analfabetismo nos últimos cinco anos (%)



FONTE: Fonte:IBGE/Pnad 2015

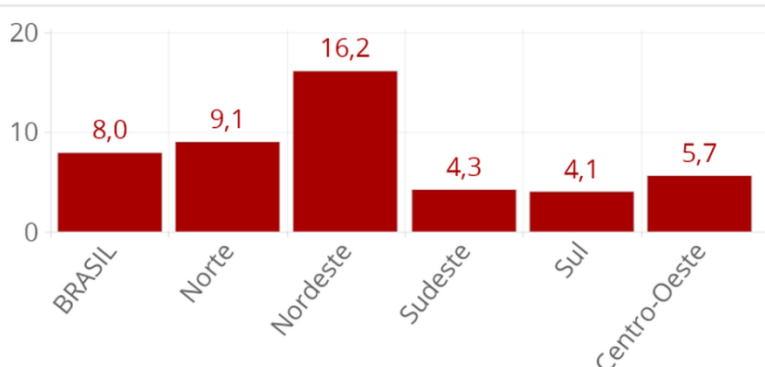


Infográfico elaborado em: 24/11/2016

Pode-se perceber por meio do gráfico acima que os índices de analfabetismo no Brasil diminuíram, porém muito timidamente. Porém quando se analisa por regiões brasileiras torna-se mais preocupante este índice conforme pode-se ver no gráfico abaixo.

Analfabetismo: taxas regionais

Taxa de analfabetismo por região do Brasil em 2015 (%)



FONTE: Fonte:IBGE/Pnad 2015



Infográfico elaborado em: 24/11/2016

Cavalcanti diz que o problema do analfabetismo sempre esteve presente no contexto histórico do Brasil, sendo considerado um dos fatores de subdesenvolvimento, por vezes denominado como uma chaga, uma doença que impedia o desenvolvimento econômico do país. A realidade é que além do analfabetismo que persiste atualmente, há o analfabetismo funcional.

6.2.1 Analfabeto Funcional

São chamados de analfabetos funcionais os indivíduos que, embora saibam reconhecer letras e números, são incapazes de compreender textos simples, abrangendo as operações matemáticas mais elaboradas. Segundo a pesquisa realizada pelo Instituto Pró-livro, 50% dos entrevistados declararam não ler livros por não conseguirem compreender seu conteúdo, mesmo já terem frequentado escolas.

“No Brasil, há aproximadamente 14 milhões de Analfabetos absolutos e um pouco mais de 35 milhões de Analfabetos funcionais, conforme as estatísticas oficiais. Segundo dados do IBOPE (2005), o Analfabetismo funcional atingiu cerca de 68% da população. O censo de 2010 mostrou que um entre quatro pessoas são analfabetas funcionais (porcentagem é de 20,3%). O problema maior está na Região Nordeste, onde a taxa chega a 30,8%.

Em 2012, o Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa divulgaram o Indicador de Analfabetismo Funcional (INAF) entre estudantes universitários do Brasil e este chega a 38%, refletindo o expressivo crescimento de universidades de baixa qualidade durante a última década. Em alguns países desenvolvidos esse índice é inferior a 10%, como na Suécia, por exemplo.” (<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/29520/opiniao-analfabetismo-funcional>).

Neste mesmo site em um artigo de opinião publicado em 07 de fevereiro de 2014, informa “No Brasil, há aproximadamente 14 milhões de analfabetos absolutos e um pouco mais de 35 milhões de analfabetos funcionais, conforme as estatísticas oficiais”, afirma Vicente Vuolo.

Conforme a pesquisa, que aplica um teste avaliando as habilidades de leitura, escrita e matemática, o domínio pleno da leitura vem sofrendo queda entre os entrevistados, mesmo eles já terem concluído o Ensino Fundamental, Ensino Médio ou até mesmo o Ensino Superior. Esta é uma realidade que assusta porque quando se tem um indivíduo com o Ensino Superior, espera-se que este esteja apto a exercer e dominar as habilidades desenvolvidas durante o período de estudos. Leva-

se a pensar com que qualidade e desempenho este profissional realizará sua função.

Estes dados mostram que o analfabeto funcional por possuir dificuldade de compreensão dos gêneros textuais, desde os mais simples e mais acessados cotidianamente, prejudica o desenvolvimento intelectual, pessoal e principalmente o profissional do indivíduo.

Embora o número de analfabetos tenha diminuído no Brasil nos últimos quinze anos, o analfabetismo funcional ainda é um fantasma que atinge até mesmo os que frequentam o ensino superior, quebrando o mito de que ele estaria intrinsecamente relacionado à baixa escolaridade.

Ainda que o homem desenvolva a competência de falar antes de aprender a ler e escrever, e mesmo que tenham existido comunidades ágrafas, atualmente, na sociedade letrada em que vivemos, saber ler e escrever consiste em uma competência fundamental não somente à questão profissional, mas também ao bom convívio de modo geral. Não resta dúvida de que a capacidade de ler de modo crítico tornou-se indispensável aos seres humanos, transformando-se em um exercício essencial à realização de diversas atividades cotidianas: desde as mais simples, como pegar um ônibus, ler um panfleto de propaganda, cozinhar usando livros de receitas, até as mais complexas como a leitura de um texto científico, jurídico ou literário (SCHWARZBOLD, 2011, p.11).

Desenvolver estratégias e métodos que ajudem a diminuir este índice incômodo é um trabalho que envolve não somente a escola como também os pais, pois deixar este encargo somente aos professores o resultado será extremamente decepcionante. O letramento é uma das soluções para a erradicação do analfabetismo funcional, pois extrapola a visão tecnicista de alfabetização, desenvolve a criticidade e capacidade de elaborar opiniões próprias diante de conteúdos acessados. A aprendizagem deve ser universalizada a fim de que todos os leitores possam atingir o nível pleno da alfabetização funcional, segundo Castro.

A leitura possui uma função de extrema importância no ensino-aprendizagem dos alunos, tendo em vista que quando o mesmo a domina com excelência, o processo de aprendizagem dos outros componentes curriculares tornar-se-ão mais acessíveis e fáceis, já que o domínio da leitura/interpretação leva o indivíduo a utilizar o seu senso crítico, como também o domínio de raciocínio, fazendo-o capaz de selecionar dentre os textos que circulam socialmente aqueles que serão úteis a suas necessidades.

Tratando-se de leitura literária quanto maior for o índice de analfabetos funcionais, respectivamente maior será o desinteresse pela leitura. Para gostar de ler é necessário entender o que se está lendo e assim construindo um mundo de informações e aventuras.

6 SEQUÊNCIA BÁSICA DO LETRAMENTO LITERÁRIO

Várias técnicas, podem-se chamar assim, têm surgido, algumas com resultados mais positivos que outras. A sequência básica do Letramento Literário na escola apresentada por Cosson e o Método Recepcional proposto do Bordini. Porém será abordado somente o Letramento Literário.

Ambos trazem soluções desafiadoras para os docentes, pois para se criar o hábito de leitura é necessário que haja incentivo, por parte de pais, amigos, e a própria escola; para mostrar que a leitura traz muito mais do que história, traz aventura, estimula a criatividade, conhecimento cultural, além de prazer (item mais importante). E depois dar continuidade a este hábito, uma vez que muitos leitores se perdem neste caminho.

Um diferencial que pode ser utilizado a favor do incentivo é a agilidade em receber e transmitir informações por meio da Internet, esta ferramenta aproxima a realidade em que os jovens estão vivendo, um mundo na palma da mão, um click, uma digitação. Já que esta é uma realidade que jamais regressará temos que aproveitá-la unindo nossas forças. Desenvolver atividades de pesquisas sobre livros que possuem as mesmas características e depois elaboração de blogs para a divulgação e compartilhamento das informações descobertas, entre outras.

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2009, p. 23).

Criou-se um padrão de leitura literária que é, exigir do aluno a leitura de uma obra que consta na relação da Fuvest ou sugeridos nos livros didáticos adotados nas escolas, depois então, fazer uma avaliação ou um fichamento. Não há uma relação entre o simples fato de ler e o por que ler, o que esta obra fará com os alunos-leitores, serão de alguma maneira potencializados?

[...] o ensino da literatura deve ter como centro a experiência do literário, nestas perspectivas, é tão importante a leitura do texto quanto as respostas que construímos para ela. As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras. A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários. (COSSON, 2009, p.47)

Cosson apresenta estratégias a serem trabalhadas nas aulas de literatura que servirão de exemplos do que pode se fazer com o material literário. Segue três perspectivas metodológicas: a oficina, que leva o aluno a construir pela prática. A segunda é a técnica do andaime em que as atividades desenvolvidas serão autônomas pelos alunos, reconstruindo um saber literário. A terceira seria a do portfólio, registrando as diversas atividades realizadas de maneira que possa perceber a evolução que ocorrerá do percurso estipulado pelo professor.

Cosson propõe duas sequências exemplares para o letramento literário: uma básica e outra expandida que jamais deverão ser tomadas como limites que não poderão ser ultrapassados, mas possibilidades de organizar estratégias a serem usadas nas aulas de Literatura do Ensino Básico.

A sequência básica do letramento literário na escola apresentada por Cosson é composta por: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Na sequência básica se realiza a aprendizagem plena da literatura porque enfatiza a experiência da interpretação como construção de mundo.

Na sequência expandida se aprende sobre a literatura, articulando experiências, saber e educação literários presentes no horizonte desse letramento na escola.

A proposta de Letramento Literário é a opção para desenvolver o hábito de leitura nos alunos do Ensino Médio, pois apresenta exemplos de oficinas que

ajudarão o professor na realização das atividades para atingir a efetividade de uma estratégia educacional.

8 LETRAMENTO LITERÁRIO

8.1 Definição de Literatura

O que é a literatura?

Se buscarmos o significado da palavra, encontrar-se-á várias definições, como: a arte da palavra, se comparado às outras esculturas, músicas e pinturas; segundo o dicionário pode ser o uso estético da escrita, é a técnica de compor e expor textos escritos, em prosa ou em verso, de acordo com princípios teóricos e práticos; literatura é uma palavra com origem no termo em latim *littera*, que significa letra; há várias definições e até mesmo aqueles de defendam que não há uma exata definição do que é literatura.

Para Jauss, 1994, p. 24) citação de Zappone, se os textos são passíveis de diferentes recepções porque lidos por públicos diferentes no tempo e no espaço, o *status* desses textos também se modifica, o que força certa reformulação dos critérios que estabelecem o que é e o que não é literatura. Para Jauss, esses novos critérios são estabelecidos por meio do “experenciar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores”. (Zappone, 2004, p. 162).

Muitos teóricos de várias áreas têm buscado respostas para a pergunta: O que acontece quando se lê? Que processos arrebatam emoções, conhecimentos e habilidades de nossas mentes? Muitos estudos e teorias foram levantados, mas o que realmente se sabe é que o ato de ler, decifrar e interpretar traz uma imersão a um mundo irreal que surge aos poucos com o envolvimento das informações, podendo interferir na vida do leitor.

A relação entre a leitura e literatura tomou maior proporção a partir do século XX, década de 60, segundo Zappone, este interesse é tributário, em grande parte, do redimensionamento das noções de autor, texto e leitor. O autor morreu, porque

apesar de ser quem articula as ideias e dá sentido ao texto, ele não consegue controlar os sentidos que seu texto pode suscitar em seus leitores. O texto, desvencilhou-se das amarras estruturalistas/funcionalistas que conferiam à textualidade o poder de dar luz à interpretação de uma obra, ou seja, o texto deixou de ser aquele que carrega as informações ou pensamentos do seu produtor. E finalmente e não menos importante, o leitor, na verdade tornou-se a peça de maior relevância neste processo comunicativo, pois é ele que atribuirá sentido ao que lê. Se o leitor possui conhecimentos adquiridos anteriormente fará que as letras escritas em um papel ganhem vida e sentido único para aquele leitor, o mais intrigante é que esta obra poderá ter proporções diferenciadas entre os vários leitores, dependendo exclusivamente do conhecimento de mundo e experiências anteriores.

Dar uma definição sobre literatura literária tem sido cada vez mais difícil, pois para muitos estudiosos não há uma definição que abarque todas as linhas de pensamento. Porém esta é uma realidade que os jovens têm enfrentado quando finalizam o ensino médio e é hora de fazerem os vestibulares, ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e outras provas classificatórias para inserirem no 3º grau. As exigências por parte destas provas quanto ao conhecimento de obras como por exemplo:

- Iracema de José de Alencar, que retrata a história de uma jovem índia que se apaixona por um homem branco, traz informações riquíssimas sobre o nacionalismo, o indianismo e o amor exagerado de uma mulher que morre por amor.
- Memórias póstumas de Brás Cubas de Machado de Assis, Movimento Literário Realismo tem como característica principal o detalhamento de informações para trazer a realidade mais próxima do leitor possível, estilo tão presente nas obras de Machado de Assis. Nesta obra conta a história de Brás Cubas, que se intitula defunto-autor, homem maduro que apesar de muitas posses, viveu uma vida medíocre, não se casou, não teve filhos e se formou em direito para ter o título de doutor, indicando assim certo *status*. Exigências da sociedade daquela época.

Há outras obras que poderiam ser citadas, mas o que fica claro com estas descrições é o distanciamento da realidade vivida pelos jovens e a realidade autor-obra. Surge então, a difícil tarefa do professor de solicitar que o aluno leia estas

obras para estar apto na realização das provas classificatórias. Para isto serviria o letramento literário: criar uma ponte de diálogo com a leitura, seja ela canônica ou não. Outro problema que deve ser pensado é como trabalhar estas obras sem atualização dos problemas.

8.2 As palavras alimentam e exercitam o corpo linguagem

De onde vêm as palavras que alimentam e exercitam o corpo linguagem?

“Gosto da ideia de que nosso corpo é a soma de vários outros corpos. Ao corpo físico, somam-se um corpo linguagem, um corpo sentimento, um corpo imaginário, um corpo profissional e assim por diante. Somos a mistura de todos esses corpos, e é essa mistura que nos faz humanos. As diferenças que temos em relação aos outros devem-se à maneira como exercitamos esses diferentes corpos. Do mesmo que atrofiaremos o corpo físico se não o exercitamos, também atrofiaremos nossos outros corpos por falta de atividade. (Cosson, 2009, p 15).

O corpo linguagem funciona de uma maneira especial, exercitamos a linguagem das mais variadas formas em toda a nossa vida, o mundo é representado por tudo o que é dito, logo esta construção se faz por meio de palavras. Quanto mais exercitamos as palavras, quanto mais se usa a língua, maior será o corpo linguagem e maior será o mundo do conhecimento.

Respondendo o questionamento inicial, segundo Cosson “... as palavras vêm da sociedade de que faço parte e não são de ninguém.... “para adquiri-las basta viver em uma sociedade humana. Quando se usa as palavras, tornam-se parte de quem as usou, podendo ser quem as usa. Por isso individualmente ou coletivamente as palavras se modificam, se dividem e se multiplicam vestindo de sentido o fazer humano.

As possibilidades de exercícios do corpo linguagem pelo uso das palavras são inúmeras, porém a escrita é a principal de todas. Praticamente todas as transações humanas de nossa sociedade letrada utilizam-na sejam orais ou imagéticas. Como exemplos, o jornal televisionado com o locutor que lê um texto escrito, as práticas

culturais de origem oral como a literatura de cordel, a tela de um computador está repleta de palavras e os vídeos games repletos de imagens não dispensam as instruções escritas. Desta forma a escrita é um dos mais poderosos instrumentos de libertação das limitações físicas do ser humano, são citações de Cosson.

O corpo linguagem, o corpo palavra, o corpo escrita encontra na literatura seu mais perfeito exercício. Cosson afirma que a literatura não apenas tem a palavra em sua constituição material, mas também é seu veículo predominante. Cabe ressaltar que a prática da literatura, seja pela leitura, pela escritura consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana.

Quando se envolve em uma leitura literária encontra-se um pouco de cada leitor nas histórias retratadas pelos escritores. A literatura diz o que cada leitor é e incentiva a desejar e a expressar o mundo individualmente, portanto a literatura é uma experiência única a ser realizada no momento em que se tem o primeiro contato com ela, pode-se tomar outra identidade, romper limites do tempo e no espaço e ainda assim manter integralmente cada identidade.

Cosson diz que a literatura tem uma função maior que é de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas por isso, precisa manter um lugar especial nas escolas para cumprir seu papel humanizador. Logo é preciso mudar o rumo da sua escolarização.

8.3 A Literatura escolarizada

Ao analisar todos os benefícios que a literatura traz ao seu leitor, por que ainda o ensino de obras literárias tem sido alvo de tanto questionamento? Será que o valor intrínseco está se perdendo pelo fato de que na modernidade tudo é instantâneo e praticar leitura de obras literárias requereria um tempo que não se tem mais atualmente. Segundo Cosson, muitos professores e estudiosas da área de Letras dizem que a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inércia curricular, uma vez que a educação literária é um produto do Século XIX que já não tem razão de ser no século XXI. Tem-se atualmente a multiplicidade de textos, a presença constante de imagens, a variedade de manifestações culturais entre outras

que classificam uma sociedade contemporânea fortificando a ideia de que literatura na escola atual é dispensável.

O uso de outros gêneros textuais como as crônicas, canções populares, filmes, seriados da TV e outros produtos culturais se justificam pelo fato de que um mundo onde a imagem e a voz se fazem presentes com mais intensidade a escrita não será essencial e então por que insistir na leitura de textos literários? Com este fundamento os livros didáticos trazem apenas fragmentos de obras literários para exemplificar períodos literários ou culturas de épocas. Isto se mantém nas escolas, o ensino da literatura no ensino fundamental tem a função de sustentar a formação do leitor e, no ensino médio, agrega-se a cultura literária brasileira.

Focando no Ensino Médio, "... o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária..." (Cosson, 2009, p. 20). Partindo do pressuposto, existe a possibilidade da falência do ensino da literatura nas escolas. O estudo da literatura nas escolas deve ter como objetivo mostrar ao aluno que ler é mais que um conhecimento literário é poder trazer uma experiência de leitura a ser compartilhada. Cabe, portanto, à escola descobrir métodos de como escolarizar a literatura.

8.4 Ler é um ato solitário ou solidário?

Segundo Cosson, os livros como os fatos não falam por si só ao leitor, o que os fazem falar são os mecanismos de interpretação que se usa e grande parte deles são aprendidos nas escolas. A leitura literária proposta pela escola vai além do entretenimento é um *locus* de conhecimento, mas para que isto funcione é necessário orientar o aluno a melhor maneira de fazer esta exploração.

Pensar que a leitura é um ato solitário pode levar o aluno a dispensar esta experiência, seria desperdiçar um tempo que poderia ser usado para aprender. Ilusório, uma vez que a leitura traz mais aprendizado do que momentos interativos. Cosson afirma que não lemos somente com os olhos, a leitura é, de fato, um ato **solitário**, mas a interpretação é um ato **solidário** (grifos da autora). O trocadilho indica que o ato de leitura está envolvido bem mais do que o movimento individual dos olhos. Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e leitor, mas também

com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos descobertos por meio da leitura são resultados de compartilhamento de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. Logo, pode-se dizer que ao ler, abre-se a porta do mundo do leitor e o mundo do outro. “...O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário.” (Cosson, 2009, p 27).

8.5 Seleção de textos

Escolher um texto ou uma obra parece ser uma atividade fácil, uma vez que se tem acesso a esse material de várias formas, seja em uma biblioteca, livrarias físicas ou virtuais, sebos, até mesmo o empréstimo do amigo. As organizações destes materiais também tornam a busca bem mais agradável. Sem contar que se pode obter informações sobre os textos antes de serem lidos por meio de resenhas dos jornais e das revistas (online ou não), informações de amigos e muito mais que tudo isto, qual a relevância em ler esta obra? Qual o incentivo por parte dos editores destas obras? Qual o prestígio social dos escritores?

Segundo Cosson, na escola outros fatores são acrescentados à seleção da literatura:

- Diz respeito aos ditames dos programas que determinam a seleção dos textos de acordo com os fins educacionais, podendo ser simplesmente pela fluência da leitura, geralmente nas séries iniciais, quanto a ratificação de determinados valores, não podendo se esquecer, no ensino médio, a cultura nacional.
- Traz a questão da legibilidade dos textos, separando-os por faixa etária ou série escolar.
- Está relacionado com as condições oferecidas para a leitura da literatura literária nas escolas. Uma realidade é que nas escolas as bibliotecas são precárias, dificultando o acesso físico às obras literárias.
- Trata-se do cabedal de leituras do professor. O professor está entre as obras literárias e os alunos e fatalmente as obras que ele lê ou leu estarão nas mãos dos alunos.

Estes fatores estão presentes nas escolas juntos ou separados não importa, mas estão sempre presentes; e na hora de escolher a obra literária para os alunos torna-se um desafio.

Seguir o tradicional, o cânone sempre foi a opção usada até a pouco tempo atrás, porém segundo Cosson, muitas universidades têm questionado quando ao tradicionalismo. Algumas vertentes têm surgido, como aqueles que se mantêm firmes no cânone, porque estas obras possuem um ensinamento que ultrapassa o tempo, o espaço sendo uma leitura fundamental para o crescimento cultural do homem; e outros que radicalmente buscam o contemporâneo, indicação de muitas editoras, como também a facilidade na leitura desses livros, uma vez que trazem temas e utilizam linguagem que pertencem ao horizonte de seus potenciais leitores. Essa direção busca quebrar as hierarquias impostas pelas críticas literárias, acredita-se que desta forma, a leitura poderá ser democrática. Deve-se ter um equilíbrio entre as duas vertentes, porque no tradicional há memórias da identidade cultural ou herança cultural e a adoção de obras contemporâneo não se pode levar à perda da historicidade da língua e da cultura.

O leitor não nasce pronto, mas ao longo de sua vida vai sendo construído quando surgem os desafios. ...” É papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para o desconhecido, com o propósito de proporcionar crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.” (Cosson, 2009, p 35).

9 METODOLOGIA DO LETRAMENTO LITERÁRIO

Ampliar o conhecimento do aluno por meio da leitura é um papel que a escola deve cumprir, mas para isto deve contar com estratégias que os professores podem buscar para que realizar tal tarefa. Cosson, apresenta o Letramento literário com propostas de atividades em salas de aula com duas sequências exemplares: uma básica e outra expandida. Naturalmente, há entre essas duas sequências muitas possibilidades de combinações que se multiplicam conforme o interesse, disposição, textos e contextos da comunidade de leitores. Porém, Cosson mostra as duas possibilidades concretas de organização das estratégias a serem usadas nas aulas de Literatura do ensino básico.

Essas sequências procuram sistematizar a abordagem do material literário em sala de aula integrando, fundamentalmente, três perspectivas metodológicas:

- Oficina – aprender a fazer fazendo, consiste em levar o aluno a construir seu conhecimento pela prática. Neste método o aluno faz atividades alternadas, entre leitura e escrita ou registro.
- Andaime – trata-se de dividir com o aluno e, em alguns casos, transferir para ele a edificação do conhecimento, cabendo ao professor atuar com andaime, aquele que sustenta as atividades que serão desenvolvidas de maneira autônoma pelos alunos. A proposta principal é a realização de pesquisas e desenvolvimento de projetos por parte do aluno.
- Portfolio – oferece ao aluno e ao professor registrar as diversas atividades em um curso, e ao mesmo tempo permitindo a visualização do crescimento conquistado quando se compara com os resultados iniciais.

9.1 A sequência Básica

A sequência básica do letramento literário na escola, e constituído por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

- Motivação – oficinas de criatividade verbal em lugar de aulas expositivas.

Neste momento, deve haver a dedicação do professor em preparar o aluno para entrar no texto. Como sempre “a primeira impressão é a que fica”, o sucesso inicial do encontro com a obra depende da boa motivação, aquela que trará laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir. A construção de uma situação em que os alunos precisam responder a uma questão ou ter um posicionamento diante de um tema é uma das maneiras usuais de construção da motivação. Cosson traz como exemplo a utilização do conto “O herói” de Domingo Pellgrini (tempo de menino, 1991) que trata do súbito e doloroso amadurecimento de um garoto perante a morte de seu cachorro. Já que a história tem como base um drama, a motivação que também pode ser chamado de rito de passagem, consistem em conversar com os alunos sobre as diferenças entre o mundo dos adultos e das crianças. Em um outro momento o professor pede para que os alunos escrevam o que acham necessário para se chegar à maturidade. Este texto poderá ser utilização para a introdução da interpretação no final da sequência básica. Um outro modelo de

motivação é denominado “Conto de fadas hoje”, para trabalhar o conto “Fita verde no cabelo” de Guimarães Rosa (1981). O professor pede aos alunos que busquem em suas memórias contos de fadas e os anota no quadro, solicita que alguns sejam contados, depois divide a classe em grupos e entrega um ou dois papéis contendo nomes de objetos modernos, como liquidificador, telefone, televisão etc. A tarefa é recontar o conto de fada incorporando esses objetos de forma coerente. No encerramento todos os grupos deverão ler seus contos de fadas modernizados.

Os exemplos apresentados por Cosson tiveram bons resultados nas experiências realizadas em sala de aula. Acredita-se que o elemento lúdico que nelas contém ajudam a aprofundar a leitura da obra literária. Porém, o professor precisa interferir no planejamento ou na execução da motivação e ser sensível para perceber se os resultados têm sido positivos ou negativos. Outro ponto importante é não deixar que as atividades exploradas se prolonguem porque o exercício de motivação poderá ser prejudicado.

- Introdução - a apresentação do autor e da obra.

Na apresentação do autor, o professor precisa trazer informações que sejam relevantes com a obra, evitar fazer uma síntese da história para eliminar o prazer da descoberta. Independente da estratégia para esta fase é importante apresentá-la fisicamente aos alunos, momento em que se pode ver a capa, a orelha e outros elementos paratextuais que introduzem uma obra. Existe um objetivo na elaboração da capa e conteúdos explanatórios para atrair os futuros leitores. Também tem relevância os prefácios que possuem lugar especial na introdução, são em geral objetos de atividades específicas de confronto de expectativas do leitor, fornecem elementos para um debate ou outro tipo de atividade para desenvolver a leitura.

É importante que o professor tenha sempre em mente que a introdução não pode se estender muito porque a sua função é apenas permitir que o aluno olhe para aquele material, que será objeto de seu envolvimento, de maneira positiva aceitando o desafio de desvendar todo o mistério. Desse modo, a seleção criteriosa dos elementos que serão explorados, a ênfase em determinados aspectos dos paratextos e a necessidade de deixar que o próprio aluno faça são características de uma boa introdução.

- Leitura –

A leitura escolar normalmente precisa de acompanhamento porque tem um objetivo que precisa ser atingido. Se o texto for pequeno, esta atividade poderá ser realizada em sala de aula, agora se a leitura for a obra inteira faz-se necessário que seja feito em horário fora do período escolar, mas até que ponte pode-se confiar que o aluno está realmente lendo? Neste tempo cabe ao professor convidar os alunos a apresentarem os resultados de sua leitura, o que Cosson, chama de “intervalos”. Isto pode ser feito por meio de conversas ou uma atividade mais específica. Ainda é necessário que o professor tenha atenção para não “estragar” a história, antecipando informações, principalmente se forem obras de policiais ou de suspenses.

Os intervalos que constituem as atividades específicas, podem ser diversas. Um exemplo que Cosson dá é a leitura de outros textos menores que tenham alguma ligação com o texto maior, agindo como uma focalização sobre o tema da leitura, permitindo que se teçam aproximações breves entre o que já foi lido e o novo texto. Outra forma seria a leitura conjunto de um capítulo ou trecho do capítulo para ser trabalhado estilisticamente em microanálise de recursos expressivos que interessem ao professor e aos alunos destacar. É importante que a maioria dos alunos tenham lido pelo menos partes em comum. A organização da leitura é muito essencial, como prazo para leitura completa, datas para os intervalos, não sendo muito extensos para não perder o foco da atividade. Fica claro que a quantidade de intervalos não depende apenas do tamanho do texto, mas também do próprio processo de letramento literário. É neste período que o professor perceberá as dificuldades de cada aluno, podendo interferir no aprendizado, desde as questões de interação com o texto, que poderão desmotivar o aluno na continuidade de sua leitura até o ritmo de leitura. Em muitos casos, a observação de dificuldades específicas enfrentadas por um aluno no intervalo é o início de uma intervenção eficiente na formação de leitor daquele aluno.

- Interpretação – envolve autor, leitor e comunidade.

Já foi dito anteriormente, há uma real dificuldade quanto à interpretação textual e esta é a grande dificuldade que os alunos (especificando) do ensino médio

enfrentam. Cosson apresenta no cenário de letramento literário, a interpretação em dois momentos: interno e externo.

O interno é aquele que acompanha a decifração, a construção das informações de palavra por palavra, capítulo por capítulo e tem seu ápice na apreensão global da obra que é realizada logo após o término da leitura. Encontro entre leitor e obra, sendo individual, este é o momento em que o leitor encontrar-se-á no labirinto da leitura, cuja saída precisa ser construída por ele.

“Este momento interno não é impermeável a influências ou que se trate de um momento mágico em que o livro e leitor se isolem em uma torre de marfim. Longe disso, trata-se de um processo afetado pelo que se fez antes e se faz durante a leitura. Em outras palavras, a motivação, a introdução e a leitura, como as definimos acima, são os elementos de interferência da escola no letramento literário. [...] Por isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento interno possa parecer a cada leitor, ele continua sendo um ato social.” (Cossom, 2005, p. 65).

O momento externo é a concretização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. É neste momento que se vê a diferença entre a leitura de um livro e o letramento literário. Quando se termina a leitura da obra e se sente tocado pela verdade de mundo que ela revela ao ponto de querer compartilhar com pessoas próximas e aconselhá-las à leitura. Entretanto no letramento literário na escola é necessário que este compartilhamento seja feito coletivamente para que os leitores ganhem consciência de são membros de uma coletividade e que assim fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

Não há uma única interpretação, revelada por exemplo pelo professor, mas ela é individual e após compartilhada terá de fato, uma comunidade e seus leitores poderão no presente e no porvir usar a força que ela proporcionou para melhor ler o mundo e a si mesmo.

A interpretação de uma obra deve ter como princípio a externalização da leitura e para isto é necessário que se faça um registro que poderá variar de acordo com o tipo de texto, a idade do aluno e outros aspectos. Por exemplo, se o jovem tem mais facilidade em se expressar oralmente, poderá ser feita uma resenha para o jornal da escola (se esta tiver); já para os mais introvertidos este registro poderá ser feito em um diário anônimo a ser exposto em um varal no fundo da sala de aula.

Cosson relembra que na escola brasileira há uma tradição memorável de registro de leitura que é o chamado júri simulado, sendo um julgamento de uma personagem. Os alunos são divididos em: réu, promotoria, juiz, advogados. Em algumas escolas esta atividade é apresentada em forma teatral, atingindo assim um maior público.

Como pode-se perceber há uma variedade de registros da interpretação e dependerá principalmente do professor, sua criatividade, como também quais os objetivos pretendidos. O planejamento e as características de cada etapa trarão resultados que poderão ser relevantes na construção do leitor.

9.2 Sequência expandida

A sequência básica trouxe algo novo ou que não se fazia muito presente nas aulas, que era a *aprendizagem da literatura*, porém faltava a *aprendizagem sobre a literatura*. Então Cosson propôs alterações que incorporassem em um mesmo bloco as diferentes aprendizagens do letramento literário. Daí surgiu a sequência expandida, que é mais dirigida ao Ensino Médio pelo fato da extensão e por contemplar os aspectos, como as contextualizações.

- Motivação

Como na sequência básica, na motivação o professor não pode perder aquilo que realmente interessa na realização, seu objetivo, aquilo que se deseja trazer para os alunos como aproximação do texto a ser lido depois, levando em consideração o limite de tempo, pois não deve ser muito longo para não se dispersar ao invés de centralizar a atenção do aluno.

- Introdução

Para Cosson, a introdução segue as orientações da sequência básica, porém existem muitas possibilidades que podem ser ampliadas com a leitura de prefácios, orelhas e outros textos que constituem a apresentação do livro. O professor pode até trabalhar com a apresentação de uma outra obra que esteja diretamente relacionada com a que os alunos deverão ler. Como sugestão, um comercial de TV, o cartaz de um filme; porém este texto em hipótese alguma deve desviar a atenção da obra que

será trabalhada. O tempo também é algo que jamais pode ser ignorado, e em seguida agendado os prazos das leituras extraclasse.

- Leitura

Neste momento, é necessário que esta atividade seja realizada prioritariamente extraclasse, e o professor e alunos deverão acordar os prazos para o término da leitura, levando em consideração que alguns alunos possuem mais facilidade na leitura e outros nem tanto.

Da mesma forma que foram indicados intervalos para a verificação e andamento do processo de leitura na sequência básica, aqui também será necessário este acompanhamento. Nestes intervalos podem ser utilizados leitura de canções, vídeos clips de cantores; trabalhar um conto ou parte dele; a leitura de uma imagem. O importante é que todo este material paralelo tenha uma relação com a obra literária que os alunos farão a leitura. Se houver tempo hábil, pode-se solicitar um registro escrito para melhor desenvolvimento e assimilação do conteúdo.

Primeira interpretação

A primeira interpretação destina-se a uma apreensão global da obra, levar o aluno a traduzir a impressão geral do título, pode-se por exemplo solicitar a produção de um ensaio ou mesmo de um depoimento. Segundo Cosson, normalmente os alunos reagem bem à esta atividade. Porém há outras maneiras de trabalhar esta primeira interpretação, podendo utilizar uma entrevista formal. O aluno prepara as perguntas e as encaminha por escrito a um colega. Este deverá respondê-las, tendo a opção de tomar as perguntas como um roteiro.

Esta primeira interpretação deverá ser feita em sala de aula, ou pelo menos iniciada em sala de aula, porque ela precisa ser vista tanto pelo aluno como pelo professor, como o momento de resposta à obra, ou seja, após a leitura da obra o leitor sente necessidade de se expressar, dizer o que sentiu em relação às personagens e aquele mundo que foi detalhado e criado pelo autor. Por isso o aluno precisa ter essa liberdade para escrever e o professor deve interferir o mínimo possível, porém não é um pretexto para aceitar um julgamento sumário da obra, como gostei, não gostei, ou a recusa de um texto elaborado sob o argumento de que

não tenho nada a dizer sobre esse livro. Aqui o aluno mostrará o valor do texto e não o julgar de modo crítico, embora a crítica esteja presente mesmo que discretamente.

- Contextualização

A noção de contexto literário é uma maneira tradicional de separar a literatura da história, ou seja, o contexto é simplesmente a história. Porém, há um distanciamento entre contexto e texto, nos livros didáticos encontra-se na introdução aos estilos de época uma síntese histórica do período por meio da história de ideias, entretanto tende a pecar pelo excesso de generalidade o pela singularidade da explicação.

Cosson sugeriu a contextualização como o movimento de ler a obra dentro dos seus contextos, desta forma são determinados aspectos da obra que podem ser explorados em sala de aula. Assim apresentou sete contextualizações: teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática.

- Contextualização teórica – procura tornar explícitas as ideias que sustentam ou estão encenadas na obra, verificar como os conceitos são fundamentados em certas obras. Pode-se trabalhar a interdisciplinaridade, envolvendo assim outros professores de outras áreas para auxiliar no desenvolvimento desta atividade.
- Contextualização histórica – visa ao relacionamento do texto com a sociedade que o gerou ou com a qual se propões a abordagem. Poderá ser desdobrado em outros interesses por exemplo, a vida do autor, a época e condições de sua publicação, podendo dessa forma tomar conhecimento do momento cultural.
- Contextualização estilística – é responsável pela grande demanda dos professores pelo saber literário tradicional, porém é necessário ir além; primeiramente o professor não deve esquecer que os “...períodos literários são abstrações construídas a posteriori pelos historiadores, portanto são as obras que informam os períodos e não inverso.” (Cosson, 2009, p 87). Levando isto em consideração, a contextualização estilística deverá buscar analisar o diálogo entre obra e período, mostrando a relação entre eles.
- Contextualização poética – responde pela estruturação ou composição da obra. Para isso contam as categorias tradicionais de análise literária, seja em

termos macro como os gêneros, ou em termos micro como a elaboração da linguagem.

- Contextualização crítica – pode tanto se ocupar da crítica em suas várias vertentes ou da história da edição da obra. É fundamental que o professor não trate a crítica especializada como a voz autorizada a dizer a importância do texto, nem tampouco assumam essa voz como sua na leitura da obra com os alunos. “... A contextualização crítica é, assim, a análise de outras leituras que tem por objetivo contribuir para a ampliação do horizonte de leitura da turma...” (Cosson, 2009, p 89). Além da crítica acadêmica pode-se encontrar nos textos escritos especialmente para os alunos, como os manuais didáticos que abordam informações sobre a obra que se está trabalhando com os alunos, também os roteiros ou guias da leitura presentes nas obras canônicas. Porém o uso desse material exige um exercício mais crítico por parte do aluno, podendo ser também um ponto de contraste e confronto enriquecedor com as leituras acadêmicas.
- Contextualização presentificadora – ou presentificação - muito comum em sala de aula, quando os professores utilizam para despertar o interesse do aluno pela obra, em que chama a atenção para o tema e as relações que tem como presente, o aluno é convidado a encontrar em seu mundo social elementos de identidade com a obra lida. Nesse processo, o professor deve ter bastante atenção para que seja perdida a realidade histórica da obra.
- Contextualização temática – fugindo do que é muito comum, ou seja, comentário sobre o que foi tratado na leitura. A contextualização temática não pode entreter-se apenas com o tema em si, mas com a repercussão dele dentro da obra. A seguir, não se pode perder do objetivo, quando o tema é mais interessante que a obra em si, principalmente com temas mais polêmicos. O professor poderá envolver outras áreas, tendo a interdisciplinaridade.

Para Cosson, não existe apenas estas sete contextualizações, mas a criatividade deverá ser aproveitada. Contudo algumas orientações devem ser observadas nesta etapa do letramento literário.

Primeiramente, esta atividade não deve ser vista como preencher o tempo, mas um método de ir mais longe e ampliar o horizonte de leitura conscientemente.

Depois, de preferência por meio de uma pesquisa bastante abrangente, coletando informações, sempre com a orientação do professor, a apresentação dos resultados pode ser variada como, seminários, debates e ensaios, também uso de imagens, encenação. É relevante que haja um registro escrito

Outra orientação é que a contextualização será definida pelo professor, podendo até utilizar várias juntas, mas se deve ter cuidado para que tudo seja coerente, resultando assim, em um trabalho apropriado. Para isto nada melhor do que um bom planejamento. O compartilhamento com outros professores é uma maneira de divulgação, reflexão e ampliação do conhecimento.

Segundo interpretação

Diferentemente da primeira que é a apreensão global da obra, aqui o objetivo é a leitura aprofundada, a exploração desde um personagem, um tema, um traço estilístico, uma correspondência com questões contemporâneas, questões históricas, até mesmo outra leitura; de acordo com a contextualização realizada.

Cosson diz que essa ligação entre contextualização e a segunda interpretação é indissociável e pode acontecer de maneira direta ou indireta. A indireta é aquela que o aluno realiza a contextualização separadamente, sem que se estabeleça uma relação com a atividade seguinte.

A ligação direta consiste na interpretação entre as etapas de contextualização e a segunda interpretação como se fossem uma única atividade. O professor pode pedir que o aluno incorpore a pesquisa à segunda interpretação por meio da abordagem daquele aspecto na obra, esta atividade será mais produtiva se for realizada em duplas ou individualmente, porém deve ser evitada em grupos de três ou mais alunos.

Outra sugestão de Cosson, para a ligação direta é aquela realizada por projetos, neste caso também a contextualização e a segunda interpretação são trabalhadas concomitantemente. Logicamente que dependerá da faixa etária e da série dos alunos, mas o professor não deve deixar de pedir as formalizações como apresentação do título, objetivo, justificativa, procedimentos, cronograma e bibliografia. Após a pesquisa, os alunos deverão fazer um registro que pode ser um

caderno de ensaios sobre a obra objeto da leitura. Para finalizar deve ser feita a apresentação dos resultados alcançados.

Seja qual for o caminho que o professor escolher, a segunda interpretação não pode prescindir de um registro final que evidencie o aprofundamento da leitura efetuada pelo aluno. Este registro pode ser o projeto como também o ensaio, principalmente para aqueles que são mais adiantados. Há outras possibilidades como a exposição de cartazes pela escola, seminários com a participação do público externo entre outras.

“É importante que o professor perceba que se a primeira interpretação é um momento de introjeção da obra na história de leitor do aluno – daí a ênfase sobre o encontro pessoal entre obra e leitor -, a segunda interpretação deve resultar em compartilhamento da leitura. Esse é o ponto alto do letramento literário na escola.” (Cosson, 2009 p.94).

Expansão

Esse movimento ultrapassa o limite de um texto para outros textos, visto como extrapolação dentro do processo de leitura que é visto como intertextualidade no campo literário, mas que Cosson denomina de expansão. Pode resultar de uma relação já prevista na obra, como a citação direta e indireta, podendo também remeter às obras que serviram de inspiração ou que estavam no horizonte de leitura do leitor.

A expansão pode ser também um diálogo que o leitor constrói entre as obras. É importante lembrar que nem sempre fica claro para o aluno a relação que possa existir entre as obras e cabe ao professor esclarecimentos para que a relação prevista não seja desconstruída pelos alunos e as relações inesperadas surjam.

A atividade de expansão é essencialmente comparativa, colocando duas obras em contraste e confronto a partir de seus pontos de ligação.

Por fim, a expansão pode ser utilizada ainda para reiniciar a sequência expandida ou a básica, como uma motivação; retornando assim o ciclo do letramento literário.

A sequência básica está inserida na sequência expandida, por isso não há limites para a criatividade do professor, e Cosson por meio de suas experiências

docentes, mostra alguns caminhos que podem ser explorados, não sendo os únicos. O professor interessado no método saberá encontrar o seu caminho para um letramento literário adequado aos seus alunos e à sua escola.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode negar a grande dificuldade em atrair atenção das pessoas em geral quanto a importância da prática de leitura, esta é uma tarefa que não cabe só à escola representada aqui pelo professor, como também da sociedade e especialmente pelos pais.

Quando o início desta tarefa se perde, como exemplo não há incentivo familiar para esta prática, esta responsabilidade recai sobre a escola, conseqüentemente sobre o professor da Língua Portuguesa, um grande desafio, que dependendo do envolvimento deste professor com suas responsabilidades poderá ter sucesso ou não. Esta situação tende a se agravar quando os jovens chegam ao ensino médio e se deparam com a necessidade de ler e estudar as obras literárias exigidas em vestibulares e Enem.

No Ensino médio, o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira ou ainda à história da literatura brasileira. Entretanto nos livros didáticos utilizados pelos professores nas escolas contém, quando contém fragmentos de obras para comprovar as características dos períodos literários estado naquele momento.

O letramento literário é uma prática social, desta forma responsabilidade da escola, a questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, mas como concretizá-la.

Muito tem se falado a respeito deste assunto, por isso o Método de Letramento Literário apresentado por Rildo Cosson, com suas etapas pode ser um grande aliado ao professor.

Cosson apresenta as estratégias para o ensino da literatura com a sequência básica, a sequência expandida; mostrando em cada etapa, estratégias que podem despertar o interesse dos alunos pelo letramento literário.

Ao professor cabe a difícil tarefa de mostrar aos alunos que o letramento literário é muito mais do que uma simples leitura, mas é um envolvimento histórico, uma viagem ao mundo fictício ou não, criado pelo autor. Desenvolver a interpretação textual por meio deste letramento é outro fator importante, pois como se sabe a interpretação está intensivamente ligada ao conhecimento de mundo de cada leitor. E à medida que se constrói um leitor maior será o seu conhecimento de mundo.

O objetivo desta pesquisa foi atingido que era mostrar meios de tornar a leitura mais interessante, contudo existem muitas maneiras de abordar este assunto que deverão ser explorados e estudados. Vivemos em um mundo que gira rápido demais para que o ensino fique estagnado, o incentivo à leitura deve partir dos pais, entretanto cabe à escola que isto continue partindo da capacitação e atualização dos docentes que deve ser contínua. O professor jamais para de estudar.

11 BIBLIOGRAFIA

BRAGA, Ariane. Analfabetismo funcional atinge 27% da população. Disponível em: <http://edicaodobrasil.com.br/2017/03/17/analfabetismo-funcional-atinge-27-da-populacao/> acesso em 11/06/2018.

AGUIAR, Vera Teixeira. Literatura a formação do leitor: Alternativas metodológicas. Vera Teixeira Aguiar/e/ Maria da Glória Bordini. Porto Alegre. Mercado Aberto :1988.

BULHÕES, Ricardo Magalhães. A formação do leitor e o ensino da literatura. Disponível em:

<http://revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch/article/view/209/109>. Acesso em: 09 de maio de 2018.

COSSON, Rildo. Letramento Literário: Teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

DENIPOTI, Cláudio. APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DA LEITURA. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12159/10681>- acesso em 09 de maio de 2018.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Editora Cortez, 1985. (Col. Polêmicas do Nosso Tempo).

Historiografia da educação na América Portuguesa – Revistas. Disponível em: [revistas.ulusofono.pt/index. Php/rleducação/article/view/1111/921](http://revistas.ulusofono.pt/index.php/rleducação/article/view/1111/921) – acesso em 09 de maio de 2018.

MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. Companhia das letras. São Paulo, 1997. Acesso <http://lelivros.love/book/baixar-livro-uma-historia-da-leitura-alberto-manguel-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/> acesso em 19 de abril de 2018.

PEREZ, Luana Castro Alves. "Analfabetismo funcional"; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/analfabetismo-funcional.htm>>. Acesso em 07 de junho de 2018.

SCHWARZBOLD, Caroline. Desenvolver a competência leitora: desafio ao professor do ensino fundamental. Disponível em:

<<http://wp.ufpel.edu.br/letraspos/especializacao/files/2012/02/Desenvolver-a-compet%C3%Aancia-leitora-desafio-aoprofessor.pdf>>. acesso em 12/06/2018.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da Recepção. In: BONNICI Thomas; ZOLIN Lucia Osana (orgs). Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: UEM, 2004.

<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/29520/opinio-analfabetismo-funcional/> acessos 11/06/2018